

Escrever sobre o outro: formulando processos criativos de não ficção a partir do tensionamento do perfil jornalístico-literário

*Writing About the Other: Creative Processes in Nonfiction Writing Through the
Reconfiguration of the Literary Journalistic Profile*

Rafael Gloria

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o perfil jornalístico-literário como um gênero híbrido situado na intersecção entre jornalismo e literatura, investigando suas potencialidades para a formulação de processos criativos na escrita de não ficção. Partindo de revisão bibliográfica sobre jornalismo literário, teoria da literatura, memória e história oral, o texto articula contribuições de autores como Terry Eagleton, Pierre Bourdieu, Tzvetan Todorov, Paul Thompson, Alessandro Portelli e Ecléa Bosi para compreender o perfil não apenas como um produto narrativo, mas também como um processo de criação que se inicia na apuração. Defende-se que a entrevista pode ser compreendida como um dispositivo criativo, capaz de mobilizar memórias, experiências e interpretações que ampliam as possibilidades narrativas do perfil. Como desdobramento, o artigo apresenta proposições iniciais para a elaboração de entrevistas criativas, utilizando objetos, fotografias, percursos e outros disparadores de memória como estratégias metodológicas para potencializar a escuta e a construção da narrativa. Conclui-se que a criatividade na escrita de não ficção antecede a redação do texto, manifestando-se desde os processos de investigação, escuta e relação entre autor e entrevistado.

Palavras-chave: Perfil jornalístico-literário. Escrita criativa. Jornalismo literário. História Oral. Memória. Não ficção.

Abstract: This article reflects on the literary journalistic profile as a hybrid genre situated at the intersection of journalism and literature, examining its potential for developing creative processes in nonfiction writing. Based on a bibliographic review of literary journalism, literary theory, memory studies, and Oral History, the discussion draws on authors such as Terry Eagleton, Pierre Bourdieu, Tzvetan Todorov, Paul Thompson, Alessandro Portelli, and Ecléa Bosi to understand the profile not only as a narrative product but also as a creative process that begins during reporting. The article argues that the interview can be understood as a creative device capable of activating memories, experiences, and interpretations that broaden the narrative possibilities of the literary profile. As a practical development, it presents preliminary proposals for creative interviews, employing objects, photographs, walks, and other memory triggers as methodological strategies to deepen listening and enrich narrative construction. The study concludes that creativity in nonfiction writing precedes the act of writing itself, emerging through investigation, attentive listening, and the relationship established between writer and interviewee.

Keywords: Literary journalistic profile. Creative writing. Literary journalism. Oral History. Memory. Nonfiction.

1 Considerações iniciais

Vivemos cercados por histórias. Contamos histórias sobre nós mesmos, ouvimos histórias de outras pessoas e construímos nossa compreensão do mundo por meio delas. Ao longo da minha trajetória como jornalista, com atuação na escrita de perfis jornalísticos-literários, uma pergunta tem me acompanhado de diferentes formas: o que acontece quando transformamos uma vida em narrativa escrita?

Entre a pessoa que viveu determinada trajetória e a história que a representa, existe um conjunto de mediações, escutas, esquecimentos, montagens e interpretações. Isso acontece porque não escrevemos vidas, escrevemos versões possíveis delas. E é nesse espaço de transformação que reside a potência da escrita do jornalismo literário e da literatura de não ficção.

Em *O momento mesmo da criação: a escrita criativa não ficcional*, Renato Prelorentzou traz um questionamento pertinente a esse tipo de escrita:

É muito comum, quase obrigatório, que se pense a ficção como um devir, que se aprenda e ensine que o romance, o conto ou a poesia evoluíram com o passar dos séculos, mudando em estilo, conteúdo, público e propósitos. Não há qualquer motivo para que esse fascínio perante a ficção não se estenda a outros discursos, desmontando a ideia de funcionamento simples da escrita nos gêneros não ficcionais, admitindo, enfim, que também a não ficção se transformou e precisa sempre se transformar a cada vez que é reescrita, a cada escritor que a toma nas mãos (Prelorentzou, 2016, p. 22).

Neste artigo, desejo refletir sobre o perfil jornalístico-literário. Trata-se de um gênero de não ficção que também deve se transformar e se renovar a cada vez que um autor o trabalha. Meu maior interesse é no que se pode gerar a partir dessa investigação: possíveis novas elaborações de processos criativos em textos de escrita de não ficção.

Sinto que preciso mostrar o “chão” em que estou pisando antes de continuar. Há várias rachaduras na parede que “separa” a não ficção e a ficção, e uma delas pode ser identificada como

jornalismo literário. No artigo *Para compreender o jornalismo literário e suas manifestações*, o autor Bruno Pessa sistematiza, a partir de uma revisão bibliográfica aprofundada, diferentes nomeações para a confluência entre jornalismo e literatura. Há uma vasta bibliografia e não há consenso no termo utilizado no âmbito acadêmico.

Pessa apresenta uma discussão importante para o meu argumento neste artigo: a diferença entre considerar o jornalismo literário como técnica ou como gênero. Ele cita basicamente duas versões diferentes. Uma que diz que o jornalismo literário seria um conjunto de recursos narrativos utilizados pelo jornalismo tradicional, apenas. A outra defende que o jornalismo literário constitui um espaço autônomo e híbrido, não pertencendo exclusivamente nem ao jornalismo nem à literatura. Tendo a compreendê-lo neste sentido, como um território de fronteira, cuja identidade permanece aberta e em constante troca.

Para além da metáfora da rachadura na parede que divide a ficção da não ficção (ambas sustentando a casa da narrativa), é importante tatear brevemente em como o campo literário pode ajudar nessa conversa. Terry Eagleton é um dos grandes teóricos que reflete sobre o próprio conceito de literatura. Logo no início de *Teoria da Literatura: uma introdução*, ele questiona a definição de literatura como escrita imaginativa, observando que essa definição não se sustenta historicamente porque diversas obras consideradas literárias não são ficcionais. Como exemplos, cita ensaios de Francis Bacon, sermões de John Donne, autobiografias, textos filosóficos e escritos históricos.

O argumento vai além, quando ele afirma que não existe uma característica intrínseca que permita separar definitivamente textos literários e não literários. Basicamente, o que se trata de literatura depende de processos históricos e culturais de valorização. Em determinado momento, uma sociedade decide que certos textos merecem ser lidos de uma certa maneira. Para Eagleton (2006, p. 17), “valor é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em

situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos”.

Situar o jornalismo literário e, consequentemente, o perfil jornalístico-literário no campo da literatura não significa ignorar sua origem jornalística nem dissolver as diferenças entre jornalismo e literatura. É mais um indício de que a literatura não se define exclusivamente pela ficção. Nesse sentido, autores como Gay Talese, Truman Capote e Svetlana Alexievich podem ser lidos como autores do campo literário não porque inventam histórias, mas porque produzem obras que a cultura e a sociedade passaram a valorizar também por seus aspectos narrativos, estéticos e humanos.

Em *A literatura em perigo*, de Todorov, me chamou a atenção como, para ele, uma das principais funções da literatura é ampliar a compreensão da experiência humana. E o perfil jornalístico-literário também compartilha dessa vocação. O seu objetivo não é apenas informar, mas também dispor ao seu leitor diferentes modos de compreensão de uma experiência. Com isso, esse tipo de texto também se aproxima de outros gêneros da literatura de não ficção, como as memórias, os testemunhos e os diários, participando da mesma busca por compreender a diversidade de vidas por meio da narrativa.

De modo geral, então, situar o perfil jornalístico-literário apenas como um gênero do jornalismo pode parecer insuficiente. Faz mais sentido pensar que ele se origina das práticas de apuração, observação e entrevista muito características do fazer jornalístico, enquanto a sua realização narrativa o aproxima do campo da literatura de não ficção. Ao construir cenas e sumários, organizando as experiências e apurações em forma narrativa, pensando em ritmo e voz autoral, por exemplo, o perfil passa a compartilhar questões dos estudos literários. Então, aqui me interessa menos discutir se o jornalismo literário é jornalismo ou literatura do que compreendê-lo como uma forma híbrida de escrita do real, situada na intersecção entre ambos os campos.

2 A questão do perfil jornalístico-literário

Agora, volto à pergunta que originou esse artigo: o que acontece quando transformamos uma vida em narrativa? E delineando ainda mais, quando a formatamos em um perfil jornalístico-literário? Sinto que é uma pergunta flutuante, estou respondendo-a aos poucos enquanto reflito sobre o perfil. Aliás, nesse momento cabe situá-lo mais especificamente para avançarmos.

Tradicionalmente no jornalismo, o perfil é uma construção com objetivo de retratar parte da vida de uma pessoa, diferentemente de uma biografia cuja ideia é se ocupar do maior número possível de acontecimentos que dão sentido a uma trajetória. Dentro do jornalismo ocidental, a construção da ideia de perfil está muito ligada à criação da revista *The New Yorker*, em 1925, nos Estados Unidos. A publicação sempre se adaptou às diferentes épocas, mantendo-se relevante até hoje. Já no Brasil, o perfil começou a se popularizar a partir da década de 1960, principalmente com publicações impressas históricas como *Manchete*, *Cruzeiro* e *Realidade*. Esta última surgiu em 1966 com a ideia de contar de maneira aprofundada os múltiplos Brasis.

O objetivo aqui, entretanto, não é traçar um histórico do gênero, mas construir, ainda que de forma breve e irregular, o perfil jornalístico-literário como um lugar “entre”. Entre as duas áreas já estabelecidas (jornalismo e literatura, não ficção e ficção), mas também “entre” no próprio aspecto que se propõe o seu fazer. Isto é, conceitualmente, ele não é conclusivo, e sim, temporário, como um retrato, “entre” fases da vida. Seu interesse e força residem justamente em escolher um ângulo, acontecimentos e características e momentos capazes de traduzir indícios daquela pessoa.

O perfil trabalha com a ideia de que toda vida é maior do que qualquer texto que se possa escrever sobre ela. Essa escolha implica compreender a sua temporalidade. O texto não pretende oferecer uma definição definitiva da pessoa nem esgotar sua identidade. Ao contrário, registra um encontro entre o

autor e o perfilado em um contexto histórico. Assim, o perfil torna-se também um documento daquele instante. Consciente de que as pessoas mudam, as memórias são reinterpretadas e novas experiências podem transformar completamente a maneira como alguém se apresenta ao mundo.

Outra característica fundamental é seu caráter autoral. Embora baseado em procedimentos jornalísticos de apuração, entrevista e pesquisa, o perfil nunca é apenas o relato da pessoa entrevistada. Ele também é resultado das escolhas narrativas de quem escreve: quais cenas selecionar, quais falas destacar, quais memórias relacionar e, principalmente, qual "faísca" encontrou naquela história, sendo a "faísca" essa conexão subjetiva entre o autor e o entrevistado. O trabalho consiste em identificar aquilo que faz uma experiência singular dialogar com questões mais amplas da sociedade, convertendo uma trajetória pessoal em uma narrativa de interesse público.

Nesse sentido, há um diálogo com ideias de *Ilusão Biográfica*, de Pierre Bourdieu. Quando li esse texto, me dei conta do quanto estamos acostumados a pensar a vida como uma sequência de acontecimentos que fazem sentido, como se existisse uma linha que liga o começo ao fim. Mas Bourdieu aponta que essa coerência não está na vida em si, ela é produzida quando a gente narra. É nessa procura da lógica entre quem conta e quem escreve ou registra que essa estrutura ocorre. Mesmo quando a vida, na prática, é feita de rupturas, desvios e descontinuidades. Bourdieu também questiona a própria ideia de identidade como algo estável. Estamos acostumados a pensar o indivíduo como uma unidade contínua, mas, na realidade, ele é atravessado por diferentes experiências, ocupa posições distintas ao longo do tempo e se transforma conforme os contextos.

Enquanto Bourdieu critica biografias que pretendem reconstruir uma vida como uma narrativa total e coerente, penso que a minha concepção de perfil assume o contrário: o perfil é autoral, fragmentário e consciente de que não apresenta a vida de uma pessoa. Busca-se uma essência, mas essa busca se faz a partir do encontro entre o autor e o

perfilado, sem esquecer o mundo ao redor. A tarefa principal talvez seja preservar as ambiguidades, as contradições, os desvios e as lacunas que constituem qualquer experiência humana.

Como é de natureza "jornalística-literária", o perfil desse tipo compromete-se com o real, sustentado pela escuta, pela observação e pela pesquisa. A criatividade aparece na forma de organizar a narrativa, de construir cenas e de articular diferentes vozes, e não na invenção de acontecimentos. Porém, sustento que a criatividade também deve aparecer antes da etapa da escrita, já nos processos de apuração. Esta é uma próxima etapa deste artigo e também da minha pesquisa acadêmica, na qual pretendo sugerir um caminho para isso. É justamente essa combinação entre rigor factual e liberdade narrativa que aproxima o perfil das possibilidades da escrita criativa de não ficção.

Por fim, acredito que em sua brevidade reside também a sua força. Em poucas páginas, o perfil procura condensar uma experiência humana complexa sem reduzi-la a um resumo biográfico. Sua força está menos na quantidade de informações reunidas do que na capacidade de produzir um retrato significativo, sugerindo ao leitor uma presença, uma brecha para olhar a vida de uma pessoa no mundo.

3 Se estamos numa zona híbrida, é preciso trabalhar na tensão

A graça de estar em uma zona híbrida, como entendo o perfil jornalístico-literário, é que se trata de um ótimo local para a experimentação. Tanto a área da Comunicação quanto a área da Escrita Criativa permitem um cruzamento com diversos campos do conhecimento. A partir dessas áreas podemos tensionar os processos criativos da escrita de não ficção. Neste momento, gostaria de aplicar essa "reflexão teórico-tensionada" na questão da apuração, com foco na entrevista, entendendo-a como um processo também criativo, porque antes de existir o texto e suas diversas construções narrativas, há uma escuta. Esse é um movimento ainda embrionário e que pretendo aprofundar na minha pesquisa acadêmica.

Nesse sentido, a metodologia da História Oral pode oferecer um caminho fértil para se pensar a construção do perfil jornalístico-literário, porque também demanda uma outra temporalidade em sua função. Mais do que um conjunto de técnicas de entrevista, ela propõe outra forma de compreender um relato, trazendo aspectos da memória e do conhecimento como um legado. A entrevista deixa de ser observada apenas como um instrumento para obter informações e passa também a se constituir como um espaço de compartilhamento de sentidos, em que o entrevistador e o entrevistado ativam lembranças, experiências e interpretações sobre a trajetória.

Historiador e um dos maiores expoentes desse campo, Paul Thompson diz que essa metodologia pode ampliar a possibilidade da pesquisa, porque permite que o pesquisador também produza as fontes, em vez de depender exclusivamente de documentos já existentes. A História Oral também foi importante durante o século XX, porque ajudou a tensionar o campo da História tradicional, ajudando a valorizar os depoimentos das pessoas que, muitas vezes, não tinham espaço na história dita "oficial". Esse é um resumo simples e superficial. Faço isso porque, para este artigo, gostaria de utilizar o espírito dessa metodologia para tensionar o campo da entrevista de perfil, pensando a entrevista não apenas como mais um procedimento, mas um dispositivo de criação e de investigação jornalístico-literária.

Essa entrevista tensionada pode abrir portas para novos caminhos da pesquisa, revelando pessoas que ainda precisam ser ouvidas, fazendo surgir documentos esquecidos ou pequenas histórias familiares que ajudam a reconstruir uma determinada paisagem narrativa. A trajetória começa a se moldar a partir da sua complexidade, as brechas vão surgindo e se transformando durante o próprio processo de escuta. Nas oficinas de perfis que desenvolvo, procuro justamente estimular essa postura investigativa, sugerindo perguntas-gatilho, aberturas para mudanças de percurso e a construção de paisagens complexas.

Outro aspecto que aproxima a História Oral do perfil jornalístico-literário é a valorização da subjetividade. Alessandro Portelli afirma que entrevistas em História Oral sempre revelam aspectos desconhecidos de acontecimentos conhecidos, justamente porque aquilo que diferencia as fontes orais é a maneira como as pessoas atribuem significado às próprias experiências. Não interessa apenas descobrir o que aconteceu, mas compreender o que as pessoas acreditavam estar fazendo, o que desejavam fazer e como interpretam hoje o próprio passado.

Essa compreensão desloca também a maneira como pensamos a memória dentro do perfil. Durante muito tempo, parte da historiografia criticou a História Oral justamente porque a memória seria imprecisa, atravessada pelo esquecimento, pela nostalgia ou pelas interpretações posteriores dos acontecimentos. Entretanto, como lembram muitos pesquisadores da área, esses "equivocos" da memória não devem ser vistos apenas como problemas metodológicos, mas como elementos reveladores da própria experiência. O esquecimento, a hesitação e até mesmo a contradição passam a integrar aquilo que se deseja compreender. Eis aí um caminho para entender a complexidade fragmentária de uma narrativa de perfil, pois ela não precisa ser conclusiva. Acredito que esse deslocamento parece especialmente produtivo aqui.

O objetivo do perfil jornalístico-literário que defendo, então, está também em traduzir como uma pessoa organiza a própria trajetória, escolhe determinados episódios, silencia outros, constrói relações entre acontecimentos distantes e atribui sentidos à própria existência. A memória como forma narrativa também é o que mais me interessa aqui.

E é justamente nesse ponto que as reflexões de Ecléa Bosi ajudam a aprofundar esse diálogo. Ao discutir a memória, Bosi afirma que ela não se reduz a um arquivo estático do passado. A memória enraíza-se também nos espaços, nos objetos, nos gestos, nas imagens e nas relações, muito mais do que em uma

simples sucessão cronológica de acontecimentos. Segundo Bosi:

Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa (BOSI, 2003, p. 20).

Para o perfil jornalístico, essa compreensão pode produzir consequências importantes. Se a memória está ligada aos lugares, aos objetos e às relações, a entrevista pode deixar de ser apenas um roteiro de perguntas e respostas. Vira também uma forma de escuta ativa, ao propor uma observação conectada ao contexto do entrevistado. Nas oficinas de perfis que leciono, costumo insistir que escutar é muito mais do que ouvir respostas. É perceber uma respiração que muda de ritmo diante de determinada pergunta, um desvio do olhar, uma pausa inesperada, um silêncio prolongado ou um comentário aparentemente deslocado, mas que pode significar um novo caminho a seguir. O corpo também narra. Aprender a ler esses sinais é uma forma de mapear o universo do entrevistado e descobrir paisagens literárias que poderão ser posteriormente organizadas pela escrita.

Sob essa perspectiva, a criatividade do perfil jornalístico-literário não começa na hora da escrita apenas, quando o jornalista decide onde iniciar o texto, mas, sim, quando se valoriza o ato da escuta, ao se respeitar as sinuosidades das memórias ativadas, e ao se entender os tópicos e perguntas a se perseguir. Assim como quais arquivos e relações compreender melhor durante a investigação. Desse modo, a apuração deixa de ser apenas uma etapa técnica para tornar-se também um procedimento criativo, capaz de produzir deslocamentos tanto no entrevistado quanto no próprio entrevistador. Escrever torna-se a continuação de uma criação iniciada muito antes, ao se entender e interpretar as brechas para aquilo que a memória, sempre viva, pode fazer emergir.

4 Breves propostas criativas de entrevistas para processos de escrita de não ficção

Depois de situar o jornalismo literário e os perfis jornalísticos-literários como zona híbrida, e tensionar a ideia de entrevista aproximando-a da metodologia da história oral, é preciso começar a refletir sobre como se pode aplicar essas ideias em um processo de “entrevistas criativas”, como estou chamando provisoriamente.

Nas oficinas de perfis que desenvolvo, fiz alguns exercícios ao longo do tempo, mas nada ainda totalmente esquematizado. Aproveito o espaço deste artigo para delinear possibilidades práticas a partir da base teórica que levantei e da memória de oficinas que realizei ao longo da minha trajetória.

Talvez uma das primeiras possibilidades de uma “entrevista criativa” seja justamente abandonar, ainda que momentaneamente, a centralidade das perguntas. Em vez de iniciar a conversa por uma sequência de questionamentos, poderíamos começar por um exercício criativo capaz de disparar memórias, ajudando a constituir material para o possível perfil jornalístico-literário.

Lembro de uma oficina que ministrei alguns anos atrás sobre narrativas curtas e escrita de cartas. Pedi que cada participante pensasse um objeto importante de sua trajetória, ligado à infância. Antes do encontro, eles deveriam enviar fotografias desses objetos. Eu troquei as fotos, enviando-as para diferentes participantes, e eles narraram histórias inventadas em formato de carta a partir dos objetos. Durante a oficina, os textos foram lidos e conhecemos as verdadeiras trajetórias e relações entre as pessoas e os objetos de cada participante.

O resultado me marcou porque revelou algo que talvez também interesse ao perfil jornalístico-literário. O exercício de ouvir a narrativa imaginada por outra pessoa fez com que os participantes revisitassem suas lembranças de outro modo, reorganizando-as e rememorando sentidos. O objeto funcionava como um disparador de narrativas de memória, uma vez que ao redor dele surgiram detalhes, pequenas cenas, personagens secundários

e acontecimentos que dificilmente apareceriam em uma entrevista conduzida apenas por perguntas específicas.

Talvez exista aí uma possibilidade metodológica. Antes da entrevista propriamente dita, o jornalista poderia convidar o entrevistado a escolher um objeto significativo de sua vida e narrá-lo. A ideia não é transformar a entrevista em ficção, nem substituir a apuração tradicional, mas criar uma situação capaz de mobilizar outras formas de recordar. O objeto passa a ocupar um lugar semelhante ao que a história oral frequentemente atribui aos gatilhos da memória: fotografias, cartas, documentos, músicas, espaços ou utensílios cotidianos. A entrevista deixaria de perseguir apenas informações e passaria também a acompanhar os caminhos pelos quais a memória se organiza.

Imagino que o mesmo princípio possa ser expandido para outros tipos: mapas desenhados pelo próprio entrevistado, músicas, passeios-caminhadas por lugares importantes de sua trajetória e mesmo pequenos exercícios de escrita podem anteceder ou atravessar a conversa. O objetivo não seria produzir material literário para publicação (ou também pode ser, ainda refletindo sobre), mas criar condições para que a entrevista alcance camadas da experiência que frequentemente permanecem inacessíveis quando nos limitamos ao repertório clássico de perguntas e respostas. Se toda memória é uma reconstrução situada no presente, talvez também a entrevista possa ser entendida como um espaço de investigação metodológica, inventando diferentes formas de escutar.

Então, o que acontece quando transformamos uma vida em narrativa escrita? Acontece uma diversidade de maneiras de interpretar como essa vida se coloca no mundo. Essas “brechas de vida”, que são os perfis jornalísticos-literários, nos dão um vislumbre dessa pessoa tanto no sentido exterior, na sociedade, nas relações com outras pessoas, quanto no mundo interior, em suas impressões, em como recorda o passado no presente. Obviamente, não há só uma resposta. Mas, se, como observamos, a escrita do

perfil nasce da travessia entre jornalismo e literatura, sua força está em permanecer nesse lugar de fronteira, onde memória, escuta e criação continuam abertas. Cabe a nós transformar essas possibilidades em novos sentidos a partir das nossas experiências. Travessia que rege o andar.

Referências

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PESSA, Bruno. *Para compreender o jornalismo literário e suas manifestações*. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, DF, v. 20, n. 1, e1637, 2024. DOI: 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica de Déa Ribeiro Fenelon. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 14, p. 25–39, jan./jun. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233>. Acesso em: 12 set. 2026.
- PRELORENTZOU, Renato. O momento mesmo da criação: a escrita criativa não ficcional. *Revista Revera*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7–24, 2016. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistarevera/index.php/revera/issue/view/2>. Acesso em: 12 set. 2026.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.